



Santo Antônio tem infra-estrutura



Quem mora em Santo Antônio também tem do que reclamar

Ruas calçadas em paralelepípedos ou asfaltadas, rede de iluminação pública cobrindo todas as residências, serviços de água e transporte público considerados satisfatórios, alguma infra-estrutura de saúde, assim é o bairro de Santo Antônio, distante do centro de Vitória alguns minutos apenas. A primeira vista, parece não existir problemas para seus moradores, mas dona Hilda Marques Portos, militante em movimentos de base daquela região, garante que são vários os motivos para reclamações.

Com mais de um século de existência, Santo Antônio tornou-se bastante conhecido de toda a comunidade capixaba, não só por sua tradição de um bairro com boas condições de moradia, mas também por abrigar talvez o mais importante cemitério da Grande Vitória, onde foram sepultadas pessoas das mais ilustres da sociedade do Espírito Santo. Ali localiza-se também o cais do avião, um marco histórico do processo de modernização da aviação civil, o santuário de Santo Antônio, construído por iniciativa de padres das Obras Pavonianas.

Por estar bem próximo do centro comercial de Vitória, os moradores de Santo Antônio dependem de muitas coisas fora

do local. Mas já existem pelo menos cinco escolas no bairro, um centro de saúde, um colégio polivalente, um centro social urbano, farmácias, pequenos comércios e outras atividades do interesse de seus 10 mil habitantes (população estimada por um dos moradores). Conforme contou Hilda Marques Porto, no bairro não existe movimento comunitário organizado, embora haja um Centro Comunitário "fora de funcionamento".

Entre os maiores problemas reclamados pelos moradores está a extração de pedras que é feita a uma distância que não oferece segurança a dezenas de casas. Dona Hilda Marques é uma ferrenha opositora da pedreira e denunciou que há algum tempo só havia detonação de pedras, com dinamites, após ser acionada uma sirene de alarme e era obedecida uma escala de horários. "Atualmente, as pessoas não dispõem de qualquer medida de segurança e as detonações são feitas a qualquer hora do dia e sem qualquer aviso. Quando ocorre alguma explosão várias casas estremeçam e há casos de vidraças quebradas".

Máximo Costa, 70 anos de idade, mora em Santo Antônio desde 1945 e acompanhou grande parte do desenvolvimento urbano do bairro. Para ele, o

local "melhorou muito", mas lembrou com uma forte dose de nostalgia os tempos em que foi construído o prédio das Obras Pavonianas de Assistência, chamada à época de "Casa do Povo", onde havia reuniões dos moradores, palestras, projeção de filmes, teatros e outras atividades sócio-culturais.

Máximo Costa defendeu uma maior ação da municipalidade no bairro, onde, segundo disse, faltam ser asfaltadas algumas ruas, entre elas a Manoel Furtado e Pinheiro Júnior, que são calçadas em paralelepípedos. Reivindicou também uma coleta de lixo mais regular e o aumento da capacidade de vazão da galeria pluvial na rua Manoel Furtado, onde, por ocasião de chuvas, ocorrem alagamentos devido às dificuldades de escoamento das águas.

Dona Hilda Marques já teve o muro de sua casa, situada à rua Leôncio Nunes, nº 89, derrubado nada menos do que 26 vezes por choques de veículos, sendo algumas vezes por ônibus da Viação Grande Vitória. Ela considerou "um absurdo" que os coletivos daquela empresa não tenham garagem para estacionamento durante a noite e, com isso, param sobre calçadas e no meio das ruas, causando inúmeros transtornos aos moradores.